

# “MOUROS E CRISTÃOS”, UM ENFIAMENTO DE RETRATOS E A BUSCA DO “NOROESTE”.

A propósito do livro de Xosé Manuel González Reboredo, *Festas com Representacións de Mouros e Cristiáns en Galicia e Terras do Noroeste Veciñas, Pontevedra, Fervenza (2019)*

por

António Medeiros<sup>1</sup>

**Resumo:** A propósito de um livro recentemente editado na Galiza, toco vários tópicos neste ensaio curto. Falo de singularidades de práticas antropológicas já seculares na Galiza, e de como elas se refletem na obra em causa e no percurso biográfico do seu autor. Refiro ainda de relações intelectuais transfronteiriças antigas, acolhidas em muitas ocasiões na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

**Palavras-chave:** Galiza; Portugal; Festas; “Mouros”; “Cristãos”; História da Antropologia.

**Abstract:** Taking a book recently edited in Galicia as my main reference, I touch upon a variety of topics in this short essay. First, I discuss the secular particularities of anthropological practice in Galicia, and how these are reflected in this specific work as well as in the author’s biography. I also reason about past and present intellectual cross-border relations, which were welcomed on many past occasions at the Portuguese Society of Anthropology and Ethnology (SPA).

**Keywords:** Galicia; Portugal; Festivals; “Moors”; “Christians”; History of Anthropology.

As faces da antropologia são muitas, uma diversidade hoje muito celebrada nas revistas mais influentes e que tem suscitado adjectivações curiosas. Desde logo, lembraríamos imparidades — e algumas tangências — entre Portugal e a Galiza, um levantamento que aqui não cabe fazer. Porém, importa sublinhar que Xosé Manuel González Reboredo (n. em Lugo, 1946) e esta obra são herdeiros

---

<sup>1</sup> ISCTE-IUL, CEI-IUL.

de uma tradição de estudos antropológicos muito peculiar, bem identificável desde há 100 anos. Podemos chamar-lhe *galeguista* a esta antropologia, cujas práticas — etnográficas e arqueológicas, na maior parte das vezes — nasceram gémeas do movimento nacionalista galego e, até hoje, a ele ligadas de forma inextricável.

Uma fotografia, de 1976, dá conta da precocidade dos compromissos intelectuais do autor deste livro; trata-se de um grande grupo retratado no claustro do convento de São Domingos de Bonaval, num momento alto da memória galeguista recente. Ali reconhecemos — no extremo esquerdo da imagem — X. M. González Reboredo, que tinha 20 anos. Fundava-se o Museo do Pobo Galego em Bonaval, o que só pôde acontecer depois da morte de Franco, já que se abria em Espanha a *Transición Democrática*. Nos anos seguintes, a Galiza foi reconhecida como “nacionalidade histórica”, teve o seu Estatuto de Autonomia votado, ganhou governo autónomo e também a possibilidade de produzir a representação da cultura própria com mais liberdade.



**Fig. 1.** Inauguração do Museo do Pobo Galego, ao centro, de pé, D. Antonio Fraguas (fotógrafo desconhecido, 1976, créditos do Museo do do Pobo Galego).

Um outro retrato do autor — a fotografia que surge na badana de *Mouros e Cristiãos*<sup>2</sup> — é também muito sugestivo, se pusermos alguma imaginação iconológica na sua interpretação. Nesta imagem, recente, o autor surge-nos no primeiro plano, enquanto no seguinte se impõe a presença de um retrato a óleo de D. Antonio Fraguas Fraguas (1905-1999). No terceiro plano — no que parecem ser duas molduras sobrepostas — podiam figurar Vicente Risco (1884-1963) e Florentino López Cuevillas (1886-1958). Apareceria ainda D. Manuel Murguía (1833-1923), se houvesse mais outro plano (como em *Las Meninas*). Murguía foi o pioneiro do nacionalismo galego e precursor da sua tradição antropológica. Os restantes nomes citados são os de figuras — já também tutelares — da linhagem intelectual aberta pelo “patriarca” do galeguismo, mormente Vicente Risco, que voltará a ser referido.

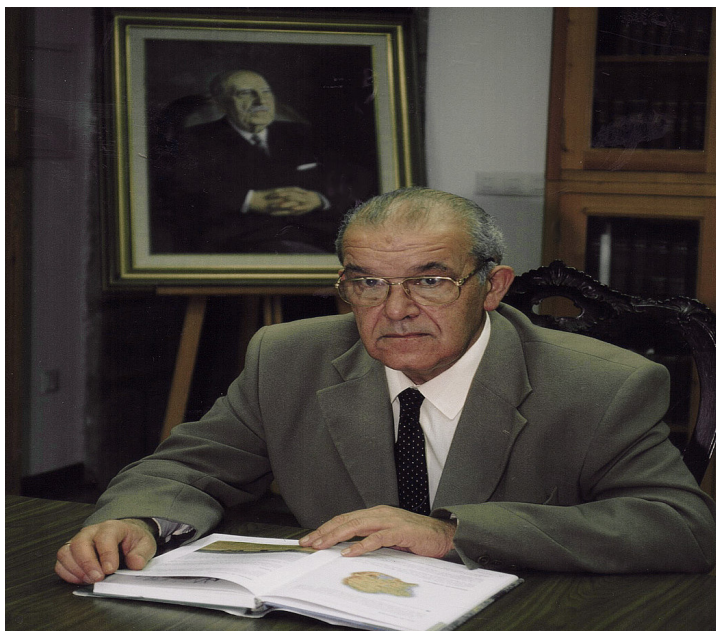


Fig. 2. Xosé Manuel Reboredo (sd, créditos XMGR/Museo do Pobo Galego).

*Mouros e Cristiãos* foi apresentado pelo autor, no auditório do Museu Soares dos Reis, numa das conferências da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE), a última que se realizou antes do início da pandemia, a 20

---

<sup>2</sup> Abrevio o título do livro a partir de agora, seguindo os destaques gráficos da sua capa.

de Janeiro de 2020. Curiosamente, a SPAE foi uma das âncoras dos intelectuais galeguistas que frequentaram o norte de Portugal em várias décadas do século XX. Isso aconteceu em momentos pontuais da primeira metade dos anos 30 e — passadas as grandes repressões do pós-guerra civil — sobretudo nas décadas de 50 e 60, quando os ditos contactos foram assíduos<sup>3</sup>. Nesta medida, para o autor, que será o melhor conhecedor destas relações *lusas* dos seus antecessores, esta sessão no Porto teria sido muito grata.

A pertença à tradição galeguista do autor e da obra em causa, também torna fascinante a leitura destas quase 600 páginas, 55 das quais são ocupadas por duas “galerias fotográficas” sugestivas na sua variedade. Este livro acolhe 10 anos de pesquisas em torno das festas de “mouros e cristãos” na Galiza e nas suas “terras vizinhas”, maneira como o autor definiu o espaço frequentado nesta *extensive survey* impressionante e muito esforçada. Conta o autor como esta odisséia era imprevista, e que a lançou uma menção à *Batalla* de Mouruás (Ourense), encontrada num texto de Vicente Risco relido.



**Fig. 3.** Auto de Floripes (Lugar das Neves, Viana do Castelo, sd; créditos do videograma Memoria Media <[https://www.youtube.com/watch?v=guJwUzQwnoU&ab\\_channel=memoriamedia](https://www.youtube.com/watch?v=guJwUzQwnoU&ab_channel=memoriamedia)>).

---

<sup>3</sup> Uma parte significativa dos resultados da antropologia galeguista publicaram-se em Portugal, sobretudo em revistas como a *Douro Litoral*, a *Revista de Guimarães*, a *Revista de Etnografia*, ou nestes *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (TAE). Estas contribuições foram muito esparsas no início dos anos 30, mas bastante regulares nos anos 50 e 60, tendo-se estancado ainda antes da queda das duas ditaduras.

A González Reboredo fez observação participante em dez localidades diferentes, na Galiza, no norte de Portugal — Lugar das Neves e São João de Sobrado — e ainda em Leão, em ocasiões mais ou menos reiteradas (e ainda se interessou por dar conta doutros casos, vigentes ou desaparecidos). Para além dos ditos terrenos, Reboredo frequentou arquivos e uma bibliografia importante, como fica anotado em 18 páginas, que, em si mesmas, são um acrescento importante ao conhecimento destas festas. Nos livros e arquivos o autor foi em busca de comparações, e de possibilidades de cotejo de falas e de textos, que sabia serem fragmentos de várias origens, etc.

González Reboredo também procurou nos livros referências de enquadramento histórico mais amplo, e inspiração teórica para as suas interpretações; às vezes acciona-as em lugares menos esperados, para desconcerto do leitor. A introdução de *Mouros e Cristiáns* é muito curta, o que é pena, e creio pode desencorajar alguns os que esperariam encontrar à cabeça de uma obra deste tomo referências de enquadramento do tema — históricas, teóricas e metodológicas — bem mais abundantes. Mas tem menos de 6 páginas a *Introducción* proposta, e um conteúdo muito misto, onde cabem — sem ser exaustivo — pormenores anedóticos do arranque deste empreendimento, evocações pessoais, uma descrição rápida da sucessão dos capítulos, menções fugidias à metodologia, e ainda duas páginas e meia de agradecimentos calorosos. Quando os agradecimentos referidos se fecham, encontramos o primeiro capítulo — “*Laza, um concello com três representaciõs de mouros e cristiáns*” — a abrir-se com a proposta morosa de “informação básica” acerca deste *concello* ourensano, uma transição muito ingrata e desconcertante para o leitor.

A sensação de desconcerto que refiro só se amortiza mais adiante, conforme vamos reconhecendo o pulso desta obra importante e a sua organização idiossincrásica. Podemos dizer que se trata de um trabalho barroco, de algum modo, onde as melhores qualidades surgem nas “pregas” do texto muitas vezes, seja nos excursos, nas notas, nos comentários, nas ironias, ou nos retornos inopinados que o autor faz a certos tópicos, sempre com proveito. Mas falta neste livro extenso um índice bem feito — de conceitos, de autores e de lugares, o que é uma coisa rara na edição científica peninsular, como sabemos —, cuja ausência penaliza muito o leitor de uma obra como esta. Por exemplo, na bibliografia de *Mouros e Cristiáns* surgem referidos muitos dos antropólogos notáveis da segunda metade do século XX, entre outros, C. Lévi-Strauss, Edmund Leach, Victor Turner, A. Van Gennep, ou Louis Dumont. Em sua companhia Reboredo interpreta o sentido simbólico as performances de “mouros e cristãos” que levantou — nalguns dos melhores trechos, já no fecho da sua obra — e ainda os convoca noutras ocasiões

pontuais. Porém, saber quantas vezes as ideias das ditas luminárias são invocadas no volume torna-se um quebra-cabeças se o leitor não anotar a primeira leitura exaustivamente.

Como será expectável para quem tenha notícias — ainda que vagas — da topografia destas festas, são as referências de origem peninsular que avolumam a bibliografia deste livro. Afinal, na Península escreveram sobre este tema Leite de Vasconcelos, Julio Caro Baroja, Carmelo Lisón ou de Vicente Risco, por exemplo, e muitos outros ainda o fizeram, antigos e contemporâneos, também lidos por Xosé Manuel González Reboredo. De passagem, importará dizer que hoje são vários os antropólogos jovens, desde logo no norte de Portugal, que continuam a interessar-se por festas de “mouros” e “cristãos”, o que fala do fascínio e possibilidades de significar destas festas, ainda tão abertas ao futuro, e que se revitalizam em tantos casos.



**Fig. 4.** “Mouro” (A Saínza, Ourense, sd; créditos do videograma Universidade de Vigo <<https://www.youtube.com/watch?v=4qXVLueU97A>>).

Fora do noroeste, as festas com “representações de mouros e cristãos” têm expressões muito vibrantes e nítidas noutras partes da Península, como o Levante, a Andaluzia, Aragão ou a Mancha, o que suscitou o escrúpulo e a notável diligência do autor, que não se poupou em fazer esforços comparativos de escala peninsular.

Buscou sobretudo trânsitos intra-peninsulares — e europeus — antigos e recentes, ora de textos, de guiões, ou de inspirações para a promoção destas festas, que chegaram à Galiza pela mão de clérigos, militares, ou emigrantes regressados. Às vezes é surpreendente o que encontra, baralhando expectativas e ideias feitas. Este pareceu-me ser o aspecto mais fascinante desta obra onde, pelos capítulos afora, há um desemaranhamento de pistas, feito sem tréguas sempre, e que dá conta das sobreposições de registos populares e eruditos, que estão sempre em causa nestes materiais.

Para além das variadas menções afectuosas feitas a Vicente Risco - que sobre o tema em causa escreveu pouco — parecem ter sido os trabalhos de Julio Caro Baroja que mais inspiraram *Mouros e Cristiáns*. González Reboredo cita 8 títulos daquela obra proteica, onde as referências a “mouros” e “cristãos” são muitas, e influentes até hoje para todos os interessados. Aas interpretações de Caro surgem feitas a uma escala ampla e pertinente — peninsular e europeia — à qual Gonzalez Reboredo também fez justiça neste seu grande levantamento. Mas é um “noroeste” que a sua busca deste tipo de festas desenha e este, pesem a buscas a leste, vaza-se quase só no contorno do norte de Portugal e da Galiza.

Podemos perceber que o tipo de estudos etnológicos de matriz historicista que Julio Caro praticou tem afinidades nítidas com a primeira formação científica de González Reboredo, nos bancos da universidade, enquanto estudante de história e arqueologia (em que se doutorou mais tarde), e, a par, com o exemplo dos grandes etnógrafos galeguistas que ainda conheceu, como o já citado Antonio Fraguas ou Xaquín Lorenzo (1907-1989). Estes eram discípulos directos de Vicente Risco, que, tal como Caro Baroja, fora influenciado pelos etnólogos da escola difusionista de Viena.

O rasto da antropologia galeguista é nítido desde há cem anos, desde a saída da Grande Guerra, como disse ao início. Definiu-se na revista *Nós* (1920-1936), onde Vicente Risco era director e manteve um “Archivo filolóxico e etnográfico de Galicia” como secção fixa. Desenvolveu-se, com empenhos mais gregários de pesquisa, no âmbito do *Seminario de Estudos Galegos* (1923-1936), onde ainda era Risco a dirigir a “Secção Etnográfica”. *Nós* e o *Seminario* desapareceram logo em 1936, na sequência imediata do golpe de estado militar que veio a derrubar a Segunda República espanhola. Porém, passada a Guerra Civil e as repressões sangrentas dos anos 40, os estudos arqueológicos e etnográficos galeguistas reactivaram-se na Galiza pouco a pouco. Mantiveram-se fora da universidade e com expressões discretas — muito atomizadas e, de diversos modos, censuradas — enquanto Franco viveu.



Fig. 5. O Seminário de Estudos Galegos no terreno, *Xeira da Terra de Deza* (Vicente Risco está ao centro, todo vestido de branco. Fotógrafo desconhecido, 1929; créditos do Museo do Pobo Galego).

Nas vésperas da Guerra Civil de Espanha, na Primavera de 1935, curiosamente Vicente Risco tinha falado no Porto do “noroeste”, de Portugal e da Galiza sobretudo, como o fez X. M. González Reboredo passado quase um século. Há 86 anos, também a SPAE foi a anfitriã de Risco e dos seus acompanhantes, dessa vez no Salão Nobre da — antiga — Faculdade de Ciências. Corria, então, a Semana Cultural Galega, um momento significativo da projecção dos trabalhos científicos e dos ideais mantidos no *Seminario*.

Em 1935, Vicente Risco editava — por capítulos, na sua revista Nós — um relato extenso intitulado “Mitteleuropa”, onde contava as suas aventuras e observações em várias cidades da Europa central, por onde viajara durante 4 meses de 1930. Saíra de Ourense o autor da *Teoría do Nacionalismo Galego*, com pouco dinheiro e já com 42 anos, para encontrar orientadores e aprofundar estudos etnológicos, como ambicionava fazer. Em Berlim, Praga e, sobretudo, em Viena que era a sua Meca, porém, os desencontros do aprendiz de etnólogo com os professores célebres que procurava foram sistemáticos e quase cómicos (como os quis contar Risco com a sua *verve*).



Na medida da sua formação quase toda autodidacta, o “*mellor etnógrafo galego do século XX*” — como diz Reboredo na página 189 de *Mouros e Cristiãos* — falou no Porto sobretudo com a sua finura de observador treinado e como grande leitor omnívoro. Fez uma intervenção brilhante com o título “*Hipóteses e Problemas do Folklore Galego-Portugués*”, defendendo que “*a Galiza forma, polo menos co Norte de Portugal um-a provinza etnográfica*”. Como gostava de fazer, citou bastos nomes ilustres, mas rematou a dizer que era com as referências teóricas e de métodos da “escola histórico-cultural” — particularmente de Fritz Graebner e de P. W. Schmidt — que se deveriam fazer os reconhecimentos da dita “província”.

Foi nos anos 70 do século passado, nos primeiros anos — mais conflituosos, mas também criativos — da *Transición Democrática* que González Reboredo fez a sua formação de etnógrafo rigoroso, com o exemplo dos mestres do velho Seminário de Estudo Galegos ainda vivos. Nas duas décadas seguintes, de 80 e 90, complementou a sua formação de antropólogo, com leituras autodidatas de antropologia social e cultural. Então, leu autores das décadas imediatamente anteriores, mas também os textos mais recentes, que muito transformavam a antropologia nesses anos. Nas duas décadas do século passado, de aceleração intenso da globalização, falava-se muito do trânsito de pessoas, de objectos e de ideias, e de novos modos de fazer etnografia, em vários lugares, eventualmente em viagem, e de modo mais atento ao passado, e aos poderes vinculados.

Também no fim do século passado, sugestivamente, alguns historiadores da antropologia vieram lembrar méritos das muito esquecidas teorias difusionistas, cuja lembrança tinha sido quase totalmente varrida na maioria das universidades onde o cânone se tinha estabelecido com outros contributos. Se é certa a minha leitura das linhas principais da formação do autor de *Mouros e Cristiãos*, creio que podemos perceber melhor muitas das características deste trabalho importante e tão singular, desde logo o seu barroquismo, questão de que se falou tanto no mundo no fim do século. Mas o barroquismo, afinal é antigo e omnipresente na Galiza e no norte de Portugal, ao fim e ao cabo o “noroeste” de González Reboredo, tão afim da “*provinza etnográfica*” de Vicente Risco, mas sem ser anacrónico por isso.